

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ  
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA  
ANO V—Número 1.488  
Domingo, 30 de Setembro de 1923  
PREÇO — 20 CENTAVOS

O proletariado da Póvoa do Varzim correspondendo ao movimento de solidariedade para com os mineiros de São Pedro da Cova toma a seu cargo 10 crianças, que chegarão àquela vila na próxima terça-feira.

## NORTON DE MATOS QUE YAI POR ESSE MUNDO

### O CARRASCO DO OPERÁRIO

Como são tratados os trabalhadores que acreditando em promessas vão emigrar para Angola

#### Casa para morar? Ilusão! Subsídio de família? Ilusão!

Aquela pessoa que tam bem informada anda acerca das coisas de Angola, continua a fornecer-nos informações esplêndidas que confirmam muito do que já se tem dito nestas colunas sobre a acção de Norton de Matos e que trazem elementos novos e valiosos bem dignos de ser conhecidos pela iludida opinião pública.

Os leitores já conhecem as promessas que a Agência Geral de Angola faz aos operários.

— São promessas mirabolantes — disse o nosso entrevistado. — Ilusão o operário. Dizem-lhe: «Vai, que lá encontrarás o máximo conforto; desde a boa, ampla e arejada casa para morar ao vencimento generoso, da assistência médica ao subsídio para a família». E o operário, cheio de esperanças, confiante numa vida mais tranquila, deixa a sua casa da metrópole, vende a sua mobília, desmonta o seu lar na Europa e transfere-se para as longínquas paragens africanas.

O nosso interlocutor detém-se um momento, acende uma cigarrilha ligeira, prolonga a pausa para nos impactar, sopra o fumo azulado e leve.

— E o operário desembarca em Luanda. Procura a casa prometida e não há, pretende receber o subsídio de família, se a tem, e arranjam-lhe tais complicações burocráticas que o obrigam a desistir, vê que a ganância brutal do comércio lhe leva o ordenado — imagina que um ovo custa dois escudos! — e passa a vegetar, a trabalhar mal disposto.

posto. Cheguei a ver operário dormindo na praça pública!

**A fortaleza de S. Miguel — A dura realidade**

— E aí do quê protestar! O mínimo que lhe pode acontecer é ir parar a fortaleza de S. Miguel onde espera o primeiro vapor que o transporte para Lisboa, recomendado a P. D. S. que o arremessa para o Limoeiro, onde o conservam pelo tempo que lhes apetece.

— Isso afinal não são contratos — exclamamos — são autênticas burlas!

— Autênticas burlas — confirmou. E prosseguiu após um momento: — Alguns operários, vendo-se mal tratados e sentindo a natural necessidade de ganhar mais dinheiro — conseguem colocação na indústria particular, onde ganham mais ou menos mais garantias. Perseguem-no imediatamente, fecham-no na fortaleza a ele af vem recambiado para Lisboa, numa situação desumana e ilegal, como um criminoso vulgar.

**Uma história que caracteriza um homem**

— Vou contar-lhe um caso — disse essa pessoa misteriosa que teima por emquanto em ocultar o nome — que caracteriza bem a psicologia de Norton de Matos.

Apurámos o ouvido e, muito atentos, escutámos:

— Um pobre picheleiro que trabalhava no palácio do imperador, vendo este a passear no jardim, fantasiando talvez uma Angola independente, dirigiu-se-lhe humildemente e falou-lhe com respeito: que a repartição de serviços urbanos ainda não tinha pago os vencimentos nem a ele nem aos seus companheiros; que estavam a 8 do mês e a falta de dinheiro lhes causava diferença; que tinham a sua família a passar mal, enfim, uma série de queixas bem justas e eloquentes. Noutro escutou e prometeu que daria providências imediatas e deu-as. Naquela mesma tarde os operários recebiam o seu dinheiro.

— Então não é tam mau como dizem, comentámos.

— Espere, ouça o resto da história. No dia seguinte o pobre picheleiro era transferido para as obras do quartel geral, e cinco dias depois embarcava para o Lobito. E nem af escapou a perseguição baixa, mesquinha do alto comissário. Quando este fez uma viagem àquela localidade enviou-o para Lisboa e, como quasi todos os outros, ainda esteve preso no Limoeiro a expiar uma hipotética culpa.

— Mas isso é espantoso e bárbaro! — exclamámos indignados.

**Cautela! Cautela!**

Acatelem-se os operários que, deixando-se iludir pelas promessas da Agência Geral de Angola, se aventuram a assinar um contrato que os reduzirá a escravidão e a miséria. Os iludidos que ainda não embarcaram estão a tempo de salvar-se. Se em Lisboa a vida é má, em Angola, sob as ordens dum tirano, dum despota, é péssima.

Cautela! Cautela!

#### Na Bulgária

O movimento foi provocado pelo governo — 20.000 mortos — Continuam as guerrilhas

VIENA, 28. — Enquanto o governo de militares e de financeiros na Bulgária anuncia que a insurreição dos trabalhadores e camponeses búlgaros foi esmagada, aparece claro que o movimento foi mais sério do que ao princípio se julgou, e a sua repressão foi só possível pela forma desapiadada e sangrenta que se sabe.

Batalhas isoladas entre as tropas do governo e os rebeldes, tiveram lugar perto de Burgas e Sliven, ao mesmo tempo que nas províncias ao norte de Tirnovo, Papovo e Shumla, particularmente nas cidades de Ferdinand, Zlatitz, Lom e Berkovitz, as chamadas da revolução brotaram intensas e em algumas regiões ainda fumegam.

Sabe-se agora que os primeiros conflitos foram provocados pelo governo búlgaro, que com isso esperava aniquilar as oposições comunistas e agrárias, servindo-se do espantoso revolucionário para conseguir a permissão da parte dos aliados para aumentar o exército búlgaro.

As autoridades de Sofia fizeram ainda da melhor do que souberam. O começo da revolta foi iniciado por milhares de camponeses e trabalhadores das vilas e das aldeias como um sinal para levantamento geral contra o regime fascista.

Dentro de poucas horas a artificial insurreição reduziu-se em guerra de guerrilhas, continuando ainda por quasi todo o país.

VIENA, 29. — Notícias semi-oficiais, transmitidas pela agência Reuter, ontem, admitem pela primeira vez que os «desordens» ainda não foram completamente extintos. E acrescentam: «Em dois pontos ao sul da Bulgária, o movimento comunista foi reprimido e a paz restaurada».

«Ao norte e ocidente do território do país, diversos centros comunistas, ainda existe a inquietação, principalmente nos distritos de Ferdinand e Berkovitz, mas todas as medidas foram tomadas para pronto restabelecimento da ordem».

#### Notícias do Oriente

A miséria no Turquestão. — Expropriação de terras na Ucrânia. — Os actuais salários na Rússia

**Rússia**

Estamos habilitados a dar hoje novas informações exatas sobre os salários na Rússia. Segundo os algarismos da Inspeção Operária, um metalúrgico russo ganhava em média e por mês: na província 12,68; rublos-fazenda; em Petrogrado, 26,82; na Moscúvia 27,69. Um trabalhador têxtil ganhava 9,63 (Província), 15,7 (Petrogrado) e 18,47 (Moscúvia).

O rublo-fazenda ou rublo-mercado é uma unidade estável de valor calculado segundo o índice dos preços correntes dos artigos e estas importantes variações de salários se explicam pela desigualdade do custo da vida nas diferentes regiões.

Em janeiro de 1922, o metalúrgico russo ganhava 6,91 rublos-fazenda; em novembro, 11,97 e em março 18,25. Pelo que respeita ao trabalhador têxtil, as cifras respectivas, nessas datas, eram 4,73, 6,34 e 9,55.

Observa-se que os trabalhadores da indústria nacionalizada são mais bem pagos que os das cooperativas e que os da indústria particular são os que auferem melhores salários. Nessa mesma data (em abril) o operário da 6.ª categoria dos salários, ganhava: na cooperação 16,35 rublos-fazenda; na indústria nacionalizada 17,96; na indústria particular, 23,28.

Os salários pagos na realidade excedem muito sensivelmente o mínimo legal. Generalizando: há uma alta sensível do salário real; notam-se ainda profundíssimas desigualdades nos diferentes ramos de indústria bem como nas diferentes administrações e a Comissão Central Sindical dos salários empunha-se em as atenuar; há tendência para aumentar os salários sobretudo pelo que respeita ao trabalho qualificado, aumentando-lhe prémios, percentagens, remunerações excepcionais ou pessoais, etc. As vantagens obtidas pela

**Turquestão**

O Comité Central de Auxílio Mútuo do Turquestão, dirige a todas as instituições análogas da União Soviética um apelo a favor dos habitantes de Fergan. Esta fértil região do Turquestão foi, durante 6 anos, teatro da guerra civil. Os basmachis musulmanos cujo movimento foi por momentos dirigido por Enver Pachá tem-na assolado por várias vezes. Enfim, em Junho último, chuvas intensas destruíram as colheitas. 400.000 pessoas no Fergan e nos distritos setentrionais estão numa situação extremamente crítica.

O Comissariado dos Abastecimentos de Moscúvia e o Centro de Produção do Trigo comprometeram-se a fornecer ao Turquestão, entre Setembro e Abril 3.000.000 de poods de cereais que devem ser vendidos a baixo preço.

Por estas medidas se vê quanto a Rússia vermelha, cujo ressurgimento atesta uma grande vitalidade, está ainda longe de ter pensado todas as feridas que a contra-revolução lhe fez.

**Ucrânia**

O Conselho dos Comissários do Povo da Ucrânia prepara um decreto sobre a volta, para o Estado, das terras em excesso em poder dos camponeses ricos. A aplicação deste decreto será confiada aos camponeses sem terras. Os terrenos confiscados aos koulaks serão entregues às comunidades de camponeses pobres.

#### Em Inglaterra

Tem aumentado a falta de trabalho

LONDRES, 29. — Tem aumentado a falta de trabalho em Inglaterra, e cre-se que no próximo inverno esse número aumentará ainda muito mais. Os projectos governamentais para esta eventualidade consistem em conceder empréstimos às autoridades locais com uma subvenção de 50% dos juros destes empréstimos para um período de 10 anos pelo menos, esta subvenção devendo durar tanto tempo como o empréstimo. Espera-se que isto levará as autoridades locais a decretarem trabalho de electricidade, trâmiceia, etc. O ministro do trabalho revelou que as companhias de caminho de ferro, que possuem actualmente um fundo de reserva de 130 milhões de libras (4 vezes mais do que antes da guerra), poderiam prestar um imenso serviço, se quisessem utilizar estas reservas na electricidade e extensão da sua rede eléctrica. O proletariado britânico será sem dúvida obrigado a substituir por um «quererão» o «poderiam» do ministro do trabalho. — (E.)

**Em França**

**Ameaça de assassinatos «brancos»**

PARIS, 29. — Há já semanas que Skobeleff, representante comercial do governo soviético em Paris, vem recebendo cartas de ameaça com o mesmo destino de Vorovsky, o enviado russo assassinado na Conferência de Lausane. Os seus escriptórios tem sido visitados recentemente por um número de suspeitos indivíduos que se apelidam de ex-officiais do exército russo.

Ex-membro de uma Gazeta Russa, uma pequena folha aqui publicada pelo contra-revolucionário Alexinsky, defensor do almirante Kolitchak, tem publicado provocativas e inadequadas histórias de falso mau-tratado dum pseudo ex-official que foi aos escriptórios de Skobeleff de revolver carregado na algibeira.

O partido comunista francês publicou um aviso de que se a campanha de provocação continua, o corpo redactorial e editor da Gazeta Russa será pessoal e individualmente responsável por qualquer acto de violência que daí possa resultar. — (E.)

#### NOTAS & COMENTARIOS

##### Esgano de alma

O jornalista brilhante que é o sr. Guedes de Oliveira falava ontem com entusiasmo, na sua habitual secção do *«Jornal»*, sobre a Casa dos Jornalistas. Confiava na sua existência. Nós não confiamos nem duvidamos. Estamos de palanque a ver o que sai de tanta gente e de tanto ruído. Até agora sabemos que a Casa dos Jornalistas, salvo algum dinheiro em depósito, não tem residência fixa nem conhecida do público. Apenas alguns raros abencerragens sabem que ela está por favor ou gentileza, se assim o querem, em determinada parte.

Em torno do assunto giza a desenhada pena do sr. Guedes de Oliveira em várias considerações sobre as classes assalariadas. Diz que umas impõem e reclamam: impõem respeito e conquistam direitos, outras recorrem ao «pedidos», á «bondade». A uma dessas classes pertence o sr. Guedes de Oliveira. Se a sua memória quizer, quantos jornalistas não lhe recordará sumbidos ou a submissão na tuberculose e na miséria sem o que o «pedido» ou a «bondade» lhe tenham valido.

Quem trabalha em jornais sabe o que é «bondade» desde as vaidades dos «bemfeitores» que veem a público e do egoísmo feroz de algumas administrações de jornais que só adiantam dinheiro quando o jornalista dá por fiador, o seu trabalho, o seu ordenado.

**Uma «gafe»**

Ha uns *«O Mundo»* para deitar figura, para mostrar que se não poupa a despezas, que possui em Madrid um enviado especial, publicou em activo e negro normando ter o jornalista sr. Reinaldo Ferreira entrevistado o conde de Romanones.

Lemos e rimos do telegrama que foi evidentemente correcto e aumentado de maneira a dar aquele jornal azo para reclamar de espanto e empossadíssima altitude.

Depois de rir, fomos esperando pela publicação no *«Mundo»* da entrevista com o conde de Romanones. Esperámos de balde. E a entrevista de que *«O Mundo»* tão ufano se vangloriava não mais será nelle publicada, por já o ter sido no *«Correio da Manhã»*.

Que dirá *«O Mundo»* a isto. Naturalmente embutida e remete-se ao silêncio. Se o fizer não lhe podemos levar a mal. O silêncio além de ser de ouro é ainda para estes casos uma cómoda atitude e esta às vezes também não deixa de ser de ouro — e de ouro em barra...

**Mãos á obra!**

O *«Rebate»* trazia ontem em «fundo» artigo preconizando a necessidade imediata de intensa propaganda republicana. Os governos deviam ser obra republicana. Os políticos deviam também democratizar-se, vir expor aos centros além de ideias republicanas a sua opinião sobre os mais importantes assuntos de momento.

O *«Rebate»* peca por um defeito: tocar a rebater no deserto. Possui, contudo, uma qualidade: é iludir-se supondo repúblicas os homens do poder. E quando ele grita entusiasmado: mãos á obra! os outros, em lugar de o ouvir, gritam com entusiasmo: mãos ao coto.

Vai fazer 13 anos que esse grito de entusiasmo se pronuncia no Terreiro do Págo.

#### PELO ROBUSTECIMENTO DA ORGANIZAÇÃO

### A CONFERENCIA METALURGICA

O militante da indústria, Joaquim da Silva, diz-nos dos seus objectivos e da sua importância

Entre o operariado metalúrgico lavra grande entusiasmo pela realização da Conferência da indústria que está marcada para breve.

A necessidade de vitalizar a classe, criando-lhe as células indispensáveis para melhor se desempenhar da sua missão, levou os militantes da indústria a efectivar essa reunião na qual algo de importante se resolverá.

O interesse que a Conferência Metalúrgica está despertando entre a classe levou-nos ontem a tarde à sede do Sindicato Unico Metalúrgico, onde encontramos o velho militante Joaquim da Silva, que à organização operária tem dado o melhor dos seus esforços em tantos anos de trabalho árduo e intenso.

Feitos os cumprimentos do estilo, Joaquim da Silva começou por nos mostrar as transformações que vem de se fazer na sede, para o que se tem esforçado uma comissão para esse efeito no meado. Já possui uma vasta sala de sessões, trabalhando-se agora na instalação duma biblioteca, escola e outros gabinetes para as diferentes comissões.

Joaquim da Silva anima-se à medida que nos vai descrevendo os melhoramentos que se pensa introduzir na sede, melhoramentos que de certo modo trazem mais comodidades aos componentes da classe.

Depois de nos falar entusiasmado nas transformações que a sede tem sofrido, entramos no assunto que ali nos conduziu — as razões e os objectivos da Conferência Metalúrgica.

— A Conferência, que deve realizar-se por todo o próximo mês de Outubro — diz-nos Joaquim da Silva — obedece ao desejo de robustecer a organização operária metalúrgica, procurando dar-lhe aquela capacidade técnica e administrativa indispensável de maneira a poder enfrentar os problemas mais transcendentes.

— Vemos lá fora, — continua, — o desenvolvimento que a organização metalúrgica tem tomado, impondo-se pela sua grande unificação e pelo seu espírito técnico e revolucionário.

— Julgamos que em Portugal bastantes se tem feito já — interrompemos.

— Sim, é certo, mas apesar de alguma coisa existir, há muito e muito a fazer ainda. A transformação social é inevitável, caminha a passos agigantados, e nós não devemos estar desprevenidos para a receber. Temos obrigação de nos preparar técnica e administrativamente para não criar embaraços à completa emancipação dos trabalhadores.

— E demais, sem validade e sem melindres para outras classes importantes, — prossegue Joaquim da Silva — a classe metalúrgica ainda é aquela que na próxima Revolução mais graves responsabilidades terá que assumir para a boa regulamentação da produção de todas as indústrias como a componente impulsora das outras indústrias.

Fez uma pausa. E continuou com entusiasmo:

— Calcule o camarada: Dando-se a vitória à Revolução, na região portuguesa, se não trabalharmos a valer, a classe metalúrgica ver-se-á impossibilitada de contribuir imediatamente para o completo equilíbrio da sociedade.

— Assim há um grande empreendimento que desde sempre animou os militantes da indústria, e que é consequir por todas as formas ao nosso alcance a construção dos altos fornos, de maneira a dar maior desenvolvimento à indústria metalúrgica, não só para o futuro como ainda para a actualidade, afim de não nos sujeitarmos à eterna dependência da importação.

— A Conferência então tem vastos trabalhos a resolver?

— Sem dúvida. Tratará da criação duma escola de militantes; procurará constituir um conselho técnico da indústria composto de elementos de todas as especialidades, incluindo os técnicos engenheiros, traçadores, desenhadores, etc., nas condições porém de estes não terem interesses ligados às empresas; discutirá as leis de acidentes no trabalho e protecção aos menores e ainda outras sobre regulamentação de trabalho, higiene e segurança dos operários nas fábricas e oficinas, etc. Pretende-se também a remodelação dos estatutos dandolhe fórmulas que o momento aconselha, devendo discutir-se também a forma de criar um fundo especial para instrução, propaganda e auxilios aos presos metalúrgicos por questões sociais.

— E sobre a crise em perspectiva?

— observamos. Consta que alguns industriais vão reduzir os dias de trabalho e outros fecharão as suas casas.

— Também se vai encerrar esse problema. Porém essa crise é passageira, o que vai necessariamente obrigar operários a estar algum tempo sem trabalho. Mas a crise é especialmente de dinheiro, e os industriais, na sua maioria egoístas, procuram que ela desapareça. E se se julgarem incompetentes para gerirem as suas casas, que as entreguem aos operários, porque estes, apesar de tudo, tem capacidade técnica para dirigir e desenvolver a indústria.

— E quem são os elementos que toam parte na Conferência?

— Todos os militantes da indústria, sem preocupação de escolas, pois entendemos que a Conferência é de metalúrgicos que desejam contribuir para o desenvolvimento da organização sindical. E assim, baseados todos neste ponto de vista, irmanados no mesmo espírito de luta, saberemos trabalhar pelo robustecimento dos nossos organismos sem imposições de doutrinas que não sejam as estabelecidas nos congressos operários da região portuguesa.

E acrescentou:

— Também é nosso desejo que os metalúrgicos dos diferentes estabelecimentos do Estado colaborem na Conferência.

#### A greve geral

VIENA, 29. — Um telegrama via Roma, diz que à meia noite de domingo foi declarada a greve geral pelos empregados postais e ferroviários. A luta entre os agrários — o velho partido de Stambulsky — e os comunistas por um lado e os governamentais pelo outro, durou ferozmente durante dois dias, acrescentando que foram mortos mais de 20.000.

Na segunda-feira de tarde ressignou o gabinete Zankoff, mas o rei Boris ordenou-lhes que voltassem ao «trabalho». O gabinete foi reconstituído.

Correm rumores de que Alexandroff, o guerrilheiro chefe da Macedónia, tomou o lugar de Zankoff, como chefe do governo e com poderes ditatoriais. Dizem também que o rei Boris tentou abdicar, mas esse acto foi evitado pelo novo ditador. — (E.)

#### Na Alemanha

O estado de sitio na Baviera

BERLIM, 29. — O Reichstag aceitou a resolução do Centro convidando-o a enviar ordens severas às regiões ocupadas e regeitou a moção dos nacionalistas: comunistas pedindo que se levantasse o estado de sitio.

O jornal do chefe nacionalista Hitler «O Observador Popular» foi proibido de circular em toda a Alemanha.

O governo alemão, que tinha recado a guerra civil em consequência dos decretos terminando com a resistência passiva no Ruhr, depois de ter declarado o estado de sitio, parece dominar bem a situação.

O agitador nacionalista Hitler que ameaçava provocar a desordem na Baviera não ousou deontar-se com o ditador Von Kahr.

As associações patrióticas bávaras adotaram uma resolução desaprovando a atitude de Stresemann convidando os bávaros a seguir Von Kahr.

#### Comissão Pró-A BATALHA

Reúne hoje, pelas 16 horas, em assembleia geral, para apreciar vários officios que dizem respeito à excursão que a Setúbal se realiza no próximo dia 7 de Outubro.

Todos os camaradas que tem em seu poder bilhetes provenientes da venda dos bilhetes que levassem para passar, devem vir hoje entregá-las, das 16 às 18 horas, aos delegados da comissão que para esse fim se encontram na sede, Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Referência, colocando-se assim ao lado dos seus camaradas da indústria particular para que resulte mais homogêneo e perfeito o trabalho a que nos propuzemos.

Concluindo:

— É necessário resolvermos problemas que não só são de momento como se reflectem na vida futura, e os operários metalúrgicos tem o dever de estar convenientemente preparados para ocuparem o seu lugar na Revolução que se aproxima e que nos há de emancipar da tutela dos que nos exploram.

Retirámos-nos, deixando Joaquim da Silva entregue ao seu trabalho de que por algum tempo o distraímos.

A Conferência Metalúrgica deve efectuar-se em Outubro num dos teatros da capital para que todos os operários da indústria a ela possam assistir.

#### NA VIZINHA ESPANHA

### EM PLENA DITADURA

Continuam a efectuar-se prisões de sindicalistas e comunistas. — A obra asfixiante da censura

**A censura**

MADRID, 28. — Correu o boato de que a *Solidaridad Obrera*, porta-voz da Confederação Nacional do Trabalho, suspenderia a sua publicação em consequência da censura. Ontem em seu editorial o referido jornal dizia o seguinte: «Nesta situação, que deve fazer o jornalista? Calar-se e deixar de escrever? O calar-se é mau e deixar de escrever é pior. Nestas circunstâncias deixar de escrever carece de dignidade; calar, quer dizer, que a pena não se expressando como seria o seu desejo, também não é vergonhosa, quando todos sabem que uma mordacade abafa a sua voz. É incómodo, é violento escrever nesta situação, sim; mas os homens que se devem à verdade, à justiça, a essa justiça que está tam longe dos que se intitulam seus guardas e representantes, devem educar toda a sua paciência e devem preferir sacrificar-se a deixar completamente livre a situação aos que tem interesse em moldá-la ao seu gosto com prejuizo senão do interesse público, pelo menos duma parte».

Em face destas palavras é provável, portanto, que o órgão operário continue a publicar-se. — (E.)

**Jornais suspensos**

MADRID, 28. — Comunicam de Matarró que suspenderam a sua publicação os jornais *«El Diario de Matarró»* e o semanário *«Galantes»*, este último devido às actuais circunstâncias, segundo o seu último número.

O governador de Tarragona mandou suspender a publicação do semanário *«Renaissance»* que se editava em Vendrell. — (E.)

**Prisões**

MADRID, 29. — Comunicam de Maurea que esta tarde ingressaram no cárcere dois sindicalistas.

Informam de Almería que escoltados pela guarda civil chegaram anteontem

#### Na Turquia

A proclamação da república

LONDRES, 29. — Foi hoje aprovada pelos turcos a sua Nova Constituição. O império otomano tornar-se-á formalmente república. A cidade principal será chamada Presidente, ou, como acontece na Polónia, Chefe de Estado.

Ainda não está escolhida a cidade capital, que tem sido objecto de grande disputa. Muitos se pronunciam por Angora, em vez de Constantinopla, a cidade capital tradicional. — (E.)

#### Os radicais

Em liberdade — A comemoração do aniversário do regime

Foram ontem à noite postos em liberdade os membros da direcção do Grupo Republicano Radical do Porto, acusados de conivência na fabricação de bombas que deu lugar à explosão havida na sua sede.

Devido a isso ficam sem efeito as manifestações projectadas pelo partido radical e que consistiam duma manifestação aos presos que segundo as notícias vindas a lume nos jornais, se encontrariam hoje inclausurados no Limoeiro.

A direcção do Centro Republicano Radical de 19 de Outubro tinha deliberado convocar uma assembleia geral extraordinária para que todos os associados se acordassem em ir em massa, como sinal de protesto entregar-se à prisão.

Resolvem também, e isso independentemente, das prisões de radicais, não tomar parte na comemoração do aniversário da república a que chamam segundo as suas testuais expressões «república de manto e coroa a caminho duma «primada de rivera».

Uma outra nota também do Partido Radical, convidou os filiados a ir hoje às 8 horas, à estação do Rossio, despedir-se dos correligionários ontem postos em liberdade.

### GOMES LEAL

Publicava ontem o *«Diário de Lisboa»* uma entrevista com o vereador dr. sr. Alfredo Guizado na qual este referia que os ossos do grande poeta Gomes Leal estiveram arriscados a ir do jazigo municipal à vala comum por falta de pagamento da respectiva contribuição.

Não temos o culto dos mortos. Por esse facto lamentamos, não o desejo da comissão que deixava ir os ossos para a vala comum, mas a indiferença dos que o deixaram em vida, sofrer miséria dura e incontestáveis privações. Encarando, porém o facto dentro do espírito da actual sociedade, não deixamos de achar flagrante o contraste entre Guerra Junqueiro, com enterro nacional e sepultura no *«sai-dissand»* Panteão dos Jerónimos e Gomes Leal na vala comum. Parece-nos não ser tam grande a diferença entre o autor da «Velhice do Padre Eterno» e o do «Anti-Cristo».

E' de hoje a oito dias que se realiza

### A Grande Excursão a Setúbal

Que se apressem os excursionistas a adquirir os seus bilhetes de ida e volta que só custam

8\$50

Já existem poucos na administração de A BATALHA e nas sucursais da chapelaria A SOCIAL



O CASTELO DO OUTÃO PERTO DE SETÚBAL



# CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO

O Conselho Confederal reunido anteontem, apreciando o resultado do «referendum» da organização, ratificou a adesão à Associação Internacional dos Trabalhadores

Às 21,30 horas, com a presença de 21 delegados representando as uniões de sindicatos de Lisboa, Porto, Évora e Viana do Castelo, as federações de indústria metalúrgica, do mobiliário, do livro e do jornal, do Calçado, Couros e Peles, Rural, Marítima, Empregados no Comércio, sindicatos nacionais do Pessoal do Arsenal do Exército e do Pessoal do Arsenal da Marinha, sindicatos isolados dos Mineiros de Aljustrel e dos Têxteis de Manteigas, foi aberta a sessão sob a presidência de Carlos José de Sousa, do Livro e do Jornal, secretariado por Manuel Figueiredo, dos Empregados no Comércio e Jerônimo de Sousa do Calçado, Couros e Peles.

É lido o expediente que constava de um offício e credencial da U. S. O. do Seixal nomeando seu delegado Manuel Joaquim de Sousa que foi aceite, sendo resolvido convidar o novo delegado a tomar assento no Conselho.

Antes da ordem de trabalhos, os delegados da U. S. O. de Évora apresentam uma moção tendente a levar o Sindicato do Pessoal dos Caminhos de Ferro do Sul a desistir claramente a sua situação ante a Central dos sindicatos.

Depois de sobre o assunto falarem vários delegados, foi, por requerimento dos delegados da U. S. O. do Porto, resolvido que a moção em debate constitua ordem de trabalhos para uma sessão a realizar no próximo dia 1 de Outubro.

António Gomes Ribeiro, alegando afazeres em cargos diversos, pede a demissão de membro do Conselho Jurídico, sendo resolvido que o caso seja tratado na próxima sessão.

José de Almeida, do Arsenal do Exército, chama a atenção do Conselho para a necessidade que sente de defender-se nas colunas de *A Batalha* do boato em que lhe atribuem o pertencer a uma junta de paróquia. Por se tratar de uma questão de ordem pessoal, foi resolvido registar apenas a afirmativa de que tal boato não tem fundamento.

## Ordem de trabalhos

### As perseguições ao proletariado espanhol

Entrando na primeira parte da ordem de trabalhos, apreciação de um offício da C. N. del T. de Espanha sobre a solidariedade a prestar aos camaradas encarcerados naquele país, foi resolvido consultar a Central espanhola sobre a oportunidade de se lançar um movimento de protesto.

A propósito trocam-se explicações sobre as relações luso-espanholas, sendo resolvido que oportunamente o Comité Confederal dê contas ao Conselho dos trabalhos realizados no sentido da união luso ibérica.

## Resolve-se a adesão à A. I. T. por 104 votos contra 6 rejeições e 5 abstenções

Sobre a segunda parte da ordem de trabalhos, o secretário geral comunica que o *referendum* a propósito da adesão à Associação Internacional dos Trabalhadores, pela A. I. T., votaram 104 sindicatos, pela I. S. V. 6 e 5 abstenções. Aprecia-se o resultado do *referendum*. José de Almeida, do Pessoal do Arsenal do Exército, deseja saber se as deliberações tomadas pelos organismos que responderam o foram em assembleias gerais ou por resolução das direcções.

Jerônimo de Sousa, da U. S. O. do Porto, é de opinião que se não aceitem como bons os votos emitidos por deliberação única das direcções.

Gonçalves Vidal, da U. S. O. do Porto, entende que deve tomar-se em consideração todos os offícios recebidos, visto que a publicação dos votos dos organismos não foi impugnada.

Jerônimo de Sousa apresenta o seguinte requerimento: «Requerio que depois de se ter verificado os números de adesão às internacionais, pela matéria da consulta feita a todos os organismos federados, seja determinada a adesão aquela que maior número de votos obtiver».

Em votação nominal o requerimento é aprovado por 11 delegados contra 1 rejeição e 2 abstenções.

Fausto Gonçalves, da Federação dos Empregados no Comércio, declara ter-se absteido em virtude da não definição de atitudes de uma parte dos sindicatos que representa.

José Magalhães Carvalhal, da Federação Marítima, afirma não ter votado porque se a sua Federação tivesse con-

sultado os sindicatos que a compõem estes votariam por Moscúvia.

Jerônimo de Sousa, declara estarem presentes respostas de sindicatos marítimos que optaram pela A. I. T., no que é corroborado pelo secretário geral que afirma serem esses sindicatos todos os aderentes à C. G. T.

Jerônimo de Sousa, lembra ainda que se de publicidade em *A Batalha* a todos os documentos recebidos da A. I. T., que a tal se destinem, sendo Manuel Figueiredo de opinião que das outras internacionais se publiquem os comunicados de carácter informativo. O Conselho concordou com os alvitre expostos.

### O offício dos 21

A terceira parte da ordem de trabalhos, respeitante a um offício dos 21 signatários do manifesto «Berlim ou Moscúvia» em que os mesmos solicitavam permissão para nas colunas de *A Batalha* responderem à série de artigos intitulados «A' boa paz» da autoria de M. J. de Sousa, começou já depois da meia noite.

Jesus Gabriel, do Pessoal do Exército, defende o princípio de que *A Batalha* franqueie suas colunas aos 21, por reconhecer que os mesmos tem muitos pontos de verdade a restabelecer.

Jerônimo de Sousa entende que só tem direito a escrever para *A Batalha* os indivíduos que estejam de acordo com a orientação da C. G. T.

Joaquim de Sousa, da Federação Metalúrgica, também entende que «*A Batalha*», tendo uma orientação definida dentro da organização, pode e deve ceder às suas colunas.

Alexio de Oliveira, da U. S. O. de Évora, afirma-se convencido que os 21 não pretendem esclarecer pontos, mas sim somente defender uma tendência divergente da adoptada pela organização. Entende que a ceder-se a tal pretensão, «*A Batalha*» não poderia negar guarda nas suas colunas a quaisquer tendência socialista, monárquica ou católica.

Santos Arranha afirma que a C. G. T. não pode ceder às colunas de «*A Batalha*» para que alguém aumente o confusãoismo já existente, bem bastando que alguém se aproveite da sua remuneração para trabalhar em desarmónia.

Carlos J. de Sousa deseja saber a quem Arranha pretende atingir com a sua afirmação, porque já não é a primeira vez que ouve essa alusão e entende que deve ser suficientemente aclarada, de maneira a não deixar dúvidas no respeitante aos elementos que constituem o corpo redactorial de «*A Batalha*».

Santos Arranha informa ter sido Augusto Machado, empregado na administração, que alegando doença para trabalhar no jornal, procedera à redacção do manifesto dos 21.

Sobre esta alusão falam ainda Manuel Figueiredo e António B. Araújo que a rejeitam.

Magalhães Carvalhal discorda da publicação dos artigos de M. J. de Sousa, Jesus Gabriel classifica de falta de espírito libertário e tolerância aqueles que discordam de que se atenda a pretensão dos signatários do manifesto «Berlim ou Moscúvia» e afirma que se não se tem insurgido contra a publicação dos artigos «A' boa paz», é porque esperava poder ver agora a refutação.

Assim—diz—perde-se toda a autoridade moral de liberdade, sinceridade e lealdade.

Gonçalves Vidal, da U. S. O. do Porto, diz que em sua opinião pessoal entende que se deve garantir a liberdade máxima aos que pretendem responder nas colunas de «*A Batalha*» aos artigos de M. J. de Sousa, mas, convencido que o organismo que representa não concordará com tal resolução, absteve-se há na votação sobre o assunto. Acrescenta ainda admitir que os pontos tratados por M. J. de Sousa se tenham desviado dos objectivos da organização sindicalista, como aconteceu com o manifesto dos 21, pelo que, a não se consentir a refutação, poderão os interessados especular em manifesto e afirmar que «*A Batalha*» não quiz publicar as suas verdades.

Alexio de Oliveira fala novamente e começa por estranhar uma pergunta feita por António C. B. de Araújo, do pessoal do Arsenal de Marinha, sobre o número de sindicatos aderentes, quando se tratava de resolver sobre a Internacional. Vê-se na forma como foi feita a pergunta a intenção de por parte dos 21 se especular de qualquer forma e talvez pretender-se tirar valor às resoluções. Julga conveniente esclarecer-se de que o registro de sindicatos não faz

fé, visto que está sujeito às oscilações de fúria de sindicatos, entradas e desistências. Em seguida apresenta a seguinte moção:

«Considerando que as crónicas publicadas em *A Batalha* intituladas «A' boa paz», da autoria do camarada Manuel Joaquim de Sousa, estão consoantes os princípios sindicalistas defendidos pela organização operária desde que esta se afirmou;

Considerando que o pedido de Augusto Machado para, em nome dos 21 signatários do manifesto «Berlim ou Moscúvia», responder nas colunas de *A Batalha* não tem em mira estabelecer uma réplica mas tão somente estabelecer ainda mais o confusãoismo em detrimento dos interesses e unidade da organização;

Considerando que *A Batalha* é órgão da organização e não pode nem deve consentir nas suas colunas matéria que brigue com os princípios preconizados pela organização sindical;

Considerando mais que a essência dos artigos de Manuel Joaquim de Sousa são baseados em documentos internacionalmente conhecidos;

O Conselho Confederal resolve: 1.º Perfilhar os referidos artigos como se fossem da organização. 2.º Recusar a publicação em suas colunas de *A Batalha* a pretensão de Augusto Machado em nome dos 21.»

Fala em seguida Gonçalves Vidal para se pronunciar em discordância com o abandono do conselho por parte dos delegados do Pessoal do Arsenal do Exército.

António C. B. Araújo, do Pessoal do Arsenal da Marinha, declara que se a moção de Alexio for aprovada, levará o caso ao seu Sindicato, a fim de que este se pronuncie.

Armando Ferreira da U. S. O. de Lisboa, diz achar-se coacto em face da moção, pois que não tendo consultado o organismo que representa não conhece a opinião do mesmo.

Santos Arranha, da Federação do Mobiliário diz que em face de atitudes que constata é forçado a lembrar precedentes que lhe demonstram o desenvolvimento de um plano contra a tendência sindicalista revolucionária da organização. Alude aos precedentes do Congresso da Covilhã e acção expedita pelos scissionistas no Congresso e depois d'elles; faz referência à sabotagem desenvolvida contra a C. G. T., que foi ao ponto de tirar todo o brilhantismo e utilidade ao último Congresso dos Empregados no Comércio no Porto onde foram indivíduos peitados para fazerem vanglorias de vista contrários aos estabelecidos pela organização. Termina por desejar mais lealdade em todos os actos dos indivíduos que tem responsabilidades por afirmações feitas.

Manuel Figueiredo da U. S. O. de Lisboa, discordando da moção, afirma não compartilhar da opinião do seu co-delegado, visto que conhece bem o espírito do organismo que representa e entende convenientemente que todas as questões sejam tratadas com menos facciosismo e menos tendenciosidade, afirmando-se sindicalista sem tendência comunista ou anarquista.

Santos Arranha, diz falar pela última vez mas para afirmar a sua discordância com o critério de Manuel Figueiredo, porque entende que nenhum militante que se preze pode deixar de ser tendencioso e faccioso visto que isso importa a coerência e o valor das ideias. A tal não succeder o sindicalismo seria uma coisa indefinida onde se entrecruzariam a defeza de todas as tendências políticas numa amalgama de facciosismos, catolicismos, etc.

Silva Campos, da Federação do Calçado, Couros e Peles, afirma-se concordar com a moção. Vê, é certo, descontentamento numa parte dos delegados, mas entende que o choque dos dois pontos agora provocado pelos 21 signatários do manifesto «Berlim ou Moscúvia» era inevitável; não o recusa pois que a afirmação de tendências trará por certo uma maior confiança entre os indivíduos.

Termina por afirmar que a organização não será mais forte por comportar muitos elementos heterogêneos e constata que mais tarde ou mais cedo seria fatal o que agora se verifica.

Exgotada a inscrição é a moção votada nominalmente dando o resultado de um empate de 6 votos contra 6, ficando por consequência o assunto para ser resolvido na próxima sessão. Eram 2 horas da madrugada.

Trabalhadores: LEDE «A BATALHA»

letras de câmbio, tinha maneiras agradáveis e mostrava-se sempre servicial; era capitão da companhia de granadeiros de um batalhão, com apazamento dos seus queridos camaradas exercia o melhor que podia estas funções, e finalmente toda a gente do bairro o estimava e lhe tinha particular afeição, sendo justamente um dos mais estimados naquelas vizinhanças.

Em 23 de Fevereiro, pois, logo ao alvorecer, e na forma habitual, foram destrancadas as portas da loja do fanqueiro. Este serviço era sempre feito pelo marçano, ajudado da criada, ambos eles naturais da Bretanha, como também o era o senhor Lebrenn, que não queriaservos que não fossem da sua terra.

A criada chamava-se Joanninha; era uma linda e vigorosa rapariga de dezoito anos. O marçano Gildaz Pakou, rapaz de rosto ingênuo e algum tanto apavorado, porque estava em Paris havia dois dias, falava porém menos mal o francês, mas nas suas conversas com Joanninha preferia antes entender-se com ela em baixo-breão, antiga língua galega ou quasi o mesmo.

Vamos pois traduzir a conversação dos dois comensais da casa Lebrenn.

Gildaz Pakou, pôsto que tratasse agora de transportar para o fundo da loja as trancas de ferro, parecia entretanto pensativo; chegou até a parar por um instante no meio da loja, profundamente absorto, e com os braços e a barba encostados a um dos tapais que acabava de tirar.

—Então que está você a pensar, Gildaz?

—Lembra-se da cantiga da nossa terra: *Genoveva de Rustegat*? respondu-lhe o marçano com ar de meditação e quasi cómico.

—Se me lembro! de certo que sim; com ela me embalavam. Principia deste modo:

Em ser clérigo ou frade não pensava... Quando João borregos guardava

—Pois eu sou tal e qual como o João... Quando estava em Vannes nunca pensei no que havia de ver em Paris.

—Então o que tem visto você que o surprenda tanto, Gildaz?

—Tudo, Joanninha... —Sim!

—E terei de ver muitas coisas mais! Não percebo.

—Ora ouça. Minha mãe disse-me: «Gildaz, o senhor Lebrenn, nosso patrão, a quem costumava vender as teias dos serões, quer-te para marçano da sua loja. É aquela uma casa abençoada, e tu que és um rapaz com termos, há de ter ali mais descanso do que nunca poderás ter nesta pequena cidade; porque a rua de S. Dinis, em Paris, onde mora o teu futuro patrão, é uma rua habitada por fanqueiros pacíficos e honrados». Pois saiba você, Joanninha, que nem mais tarde nem mais cedo do que ontem à noite, logo no segundo dia da minha chegada, ouvi eu... mas você Joanninha, também havia de ouvir aqueles gritos: «Fechem! fechem! Não vão às patrulhas dobradas, os tapalhões a tocar a rebate, e aqueles magotes de povo que andavam correndo

**Teatro São Luís**  
ULTIMO DOMINGO  
em que sobe à scena  
a deliciosa mágica  
**O GATO PRETO**

**Teatro Maria Vitória**  
Ultimas representações  
da trupe  
LUSO-BRASILEIRA  
— HOJE —  
Duas sessões com a revista  
**ANO NOVO**  
e um acto de variedades  
onde o FADO DA TRISTE  
FEIA e a canção A FLORINHA  
DA RUA serão cantados  
pela actriz  
**MARIA LUIZA**

**TEATRO APOLO**  
HOJE  
o drama  
**RENASCER**  
Ótimo desempenho  
Estão suspensas as  
entradas de favor

**Teatro Nacional**  
Ultimo domingo  
em que se representa  
a divertidissima farsa  
**O Cabeça de Turco**

**A GREVE MINEIRA**  
**IRRADIA A SOLIDARIEDADE!**  
Póvoa de Varzim receberá na próxima  
terça feira, 10 filhos dos grevistas

Continua a greve dos mineiros de S. Pedro da Cova. A empresa persiste no seu espírito de ganância recusando-se a atender as justíssimas reclamações dos grevistas. Estes, por sua vez, continuam mantendo a sua bela e altiva resistência.

Os mineiros de S. Pedro da Cova, estão dispostos a todos os sacrificios, a passar por todos os transeos ainda os mais cruciantes, afim de esmagar a resistência da empresa e ver coreado pelo triunfo o seu admirável movimento reivindicativo.

A solidariedade operária continua manifestando-se disposta a auxiliar os grevistas. Da Póvoa de Varzim, em obediência ao espírito de solidariedade que a situação especial dos mineiros require, há operários dispostos a secundar o humanissimo gesto do operariado portuense. Assim, a pedido dum núcleo de trabalhadores conscientes da Póvoa de Varzim, seguirão, na próxima terça-feira para aquela vila cerca de 10 crianças.

A solidariedade operária, este gesto o comprova, começa a irradiar pelo país. Que o proletariado se não esqueça de coadjuvar os mineiros em luta, prestando a esses heroicos lutadores, seus irmãos no sofrimento e na exploração, a sua utilissima, fecunda e decisiva solidariedade.

**Castelo de S. Jorge**  
Algumas dependências foram ontem destruídas por um incêndio

Ontem, pelas 14 horas, declarou-se um violento incêndio numa dependência do Castelo de S. Jorge, onde se achava instalado o refatório dos soldados e os os quartos dos sargentos.

No quartel, a'ém do batalhão de infantaria 16, achavam-se instalados vários soldados de infantaria 2, 15 e 22.

Imediatamente, sargentos e soldados, com baldes e regadores, começaram combatendo o fogo, não conseguindo, porém, dominá-lo, devido à sua violência.

Acorreram imediatamente bombas e auto-bombas dos quartéis, 1, 2, 6, 8 e 9, etc. e voluntários, sendo o material do quartel municipal n.º 1, da Graça, o primeiro a aparecer.

O fogo começou nas águas furtadas, em seguida às casernas de instrução, do primeiro andar, e depois ao rez-do-chão, onde é o refatório dos soldados.

Devido aos esforços dos sargentos, soldados e bombeiros, salvou-se quase todo o mobiliário e as roupas pertencentes aos sargentos.

A dependência pode, porém, considerar-se perdida.

Sobre a origem do sinistro divergem as versões, não faltando quem a atribua a uma ponta de cigarro ou a fúria de fós.

Ainda houve recio de que o fogo se comunicasse aos prédios circunvizinhos, chegando os moradores a arrastarem para a rua os seus haveres. Contudo, este perigo afastou-se, tendo-se localizado e extinto o incêndio. A' noite começaram os trabalhos do rescaldo que devem prolongar-se pela madrugada.

Ainda chegaram a correr alguns boatos técnicos que felizmente se não confirmaram.

**Mexilhoeira da Carregação.** — S. 1.º de Janeiro. — A assinatura fica paga até 30 de Setembro.

**Faro.** — H. Matias. — Recebemos a que e vale do correio.

**Aldegalga.** — E. C. P. — As informações pedidas podem obtê-las no chefe da estação do Barreiro.

**AS GREVES**  
Operários da fábrica de Bateria da Companhia «Shell»

Alguns elementos dos escritórios tem-se esforçado por desmoralizar o movimento com vários subterfúgios, tendo insinuado a conveniência de os grevistas nomearem uma comissão de três membros para se avistar com o engenheiro, quando até agora ainda não foi recebida resposta ao offício enviado à gerência da fábrica pela U. S. O. de Almada.

Estas manobras, porém, tem fracasado porque os grevistas continuam demonstrando um espírito combativo que sobremaneira os dignifica e lhes deve garantir o triunfo das suas justas reclamações.

Embora ainda sem a experiência que se adquire com as portadas lutas sociais, a sua atitude vem mostrar que só a falta de organização os impedi de há mais tempo afirmarem a sua dignidade de trabalhadores e se integrarem no grande movimento internacional que visa à emancipação do proletariado.

Na assembleia magna ontem realizada na Associação dos Corticeiros de Almada, e em que os grevistas compareceram na sua totalidade, mais uma vez se aprovou por unanimidade, e com grande entusiasmo, prosseguir na luta enquanto a U. S. O. não determinar o contrário.

**Operários ferradores**

Mantém-se no mesmo pé a greve desta classe, provocada pelo facto de os patrões não atenderem a reclamação de aumento de salário, que o pavoroso e constante agravamento do custo da vida sobejamente justifica.

Há já 5 dias que a greve se mantém, não tendo ainda os referidos patrões recebido a comissão de melhoramentos dos grevistas, que manifestam a sua firme disposição de prosseguir na luta até à vitória.

A'manhã reúne a classe novamente, não devendo faltar nenhum grevista.

**O lock-out dos armadores do Porto**

Os barqueiros e fragateiros do rio Douro mantem a mesma firmeza

Só ontem o delegado destas classes que se encontra em Lisboa, conseguiu, acompanhado por um delegado da Federação Marítima, avistar-se com o ministro do Trabalho, Durout a entrevista cerca duma hora, tendo prometido este senhor ir estudar imediatamente a questão e comunicar já amanhã ou depois, para as autoridades competentes do Porto, as providências que resolver tomar.

Os barqueiros e fragateiros do rio Douro mantem a mesma firmeza e as suas sessões continuam decorrendo com a maior animação, aguardando-se com ansiedade o resultado das «demarches» realizadas em Lisboa.

Entre os armadores que mais contrariam as reclamações, destaca-se um sr. Alexandre da Fonseca, que parece ter esquecido já as agruras por que passou nos seus tempos de fragateiro, que ainda não viu longe...

Os encarregados, que tem até agora trabalhado e se mostram dispostos a secundar o movimento, nomearam, numa reunião realizada no sindicato, uma comissão para junto dos patrões instar pela satisfação das reclamações formuladas pelos barqueiros e fragateiros.

**SOCIEDADES DE RECREIO**

**Concentração Musical 24 de Agosto.** — Nesta colectividade há hoje baile, o qual promete ser animadissimo.

**Sindicato Unico da Construção Civil**

Realizam-se hoje, no Secção de Patama e arredores as festas de solenização do 12.º aniversário e abertura do ano lectivo que constará, às 14 horas, duma conferência por Mário Domingues e sessão solene, na qual usará da palavra vários militantes operários.

A' noite haverá sarau dramático no qual toma parte o grupo «Os Pechin-chase».

—O quê?  
—Aquele soldado de dragões...  
—Um soldado de dragões, Joanninha?  
—Sim; peço-lhe que vá espriar se é ele olha... para este lado: depois lhe explicarei tudo. Ande depressa... avie-se!

—O soldado de dragões não olhou, vai andando o seu caminho, disse Gildaz com toda a ingenuidade. Mas que tem você que vê com os soldados de dragões, Joanninha?

—Gracias a Deus, nada absolutamente; não o quartel d'elles fica aqui perto... —Oh! que má vizinhança para raparigas não são os tais homens de capacete e de sabre, disse Gildaz em tom sentencioso, que péssima vizinhança! Isso faz-me lembrar a cantiga da *Petição*.

Tinha a pomba no pombo, A pomba era minha; Veiu o gavião, assustou-a, Fugiu—cotidinhão...

—Entende agora, Joanninha? As pombas são as raparigas, e o gavião... —É o dragão... Talvez você fale a verdade sem querer, Gildaz.

—Que diz, Joanninha? pois já conhece que a vizinhança dos gaviões... isto é dos dragões, lhe é prejudicial.

—Seja como for, não é conigo. —Então com quem é?

—Oh, Gildaz, você é um bom rapaz, e por isso lhe peço que me aconselhe. Eu lhe vou dizer o que succedeu. Há de haver uns quatro dias que a menina, que costuma estar sempre no armazém por detrás da loja, veio para o mostrador enquanto os senhores estavam fora;

—Você não viu Gildaz?

—Não, porque já estou acostumado a elas; e você, Gildaz, há de vir a fazer o mesmo que eu faço.

E interrompendo-se, depois de ter olhado para a rua, a criada disse ao marçano:

—Você não viu Gildaz?

## OS MISTÉRIOS DO POVO

# A BRAGA DO GRILHETA

— POR —

N.º 1

EUGENE SUE

30-9-1923

Estamos em 23 de Fevereiro. Há muitos dias que a agitação é profunda em França, e em Paris desde a véspera, por causa dos banquetes reformistas. Entre as casas de comércio da rua de S. Dinis, não longe do boulevard do mesmo nome, vê-se um armazém bastante vasto com a seguinte taboleta:

M. LEBRENN

FANQUEIRO

A espada de Brenno

Era que efectivamente se representava nun quadro aquele feito tão conhecido na história—de Brenno, que com gesto feroz e altivo, arremessara a

espada num dos pratos da balança onde se pesava o resgate de Roma, vencida pelos gaulezes nossos avós há mais de dois mil anos.

Ao principio tinha servido de galhofa no bairro de S. Dinis a beliger taboleta desta loja, e visinhos e visinhas, patrões e marçanos, todos riram à custa do fanqueiro. Mais tarde esqueceu a taboleta, e reconheceu-se que o senhor Marik Lebrenn era o melhor homem do mundo, bom esposo, bom pai de família e honrado comerciante, que vendia por preço razoável excelente fazenda, e sobre tudo magnifico pano abretanhado, que recebia directamente da sua terra natal.

Que mais se podia dizer? O digno comerciante parava regularmente as

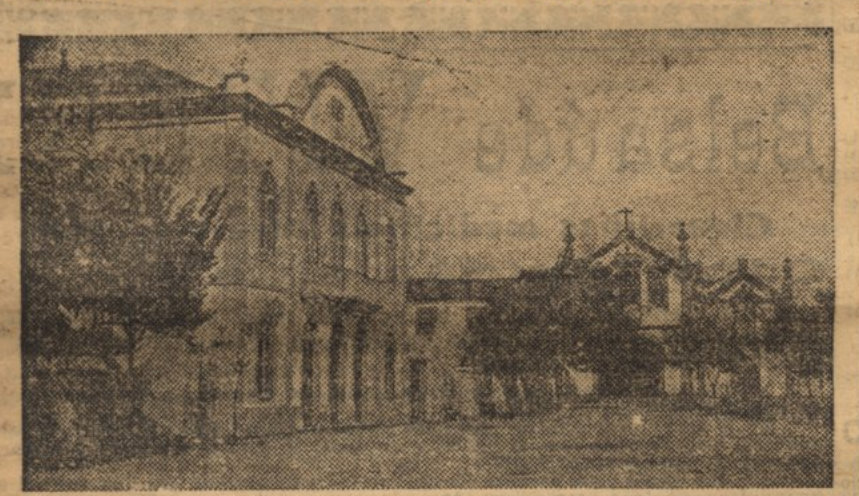


A BATALHA NA PROVINCIA E NOS ARREDORES

EM CASTELO BRANCO O GESTO DUM VIGARISTA

Sales Viana, um desqualificado recusou-se a pagar o que devia aos operários que o serviam

CASTELO BRANCO, 28.—Ha nesta pacata cidade um honrado cavalheiro, proprietário da «Construtora», que dá pelo nome de Sales Viana, um pulha, que tem sido tudo, noutros tempos anarquista, socialista e republicano, e hoje, monárquico, jesuíta, amigo da bela pinga e batoteiro calcado, que não contente com tam excelsas qualidades nos aparece por último, armado em autêntico e emérito vigarista.



CASTELO BRANCO — O teatro e o hospital

em Ultramarino, destacam 3 operários para Alcains, cortar pedra. Depois, arranjando como pretexto que as pedras lhe não serviam, recusou-se pagar aos operários e aos boieiros, os seus respectivos salários. Ora isto, é tudo quanto ha de mais baixo, e os prejudicados, modestos operários, que não vivem de negócios escuros, mas sim do seu trabalho honesto, exigem o pagamento do que se lhes deve, e que pode assim ser descriminado: a José Amaro Gomes 4 dias de trabalho, e a Joaquim Amaro do Vale bem como a Joaquim Dias de Oliveira, 8 dias a cada um, a razão de 12300 por dia; e aos boieiros, o transporte de 7 carradas de pedra a 25000 cada, perfazendo tudo um total de 415000.

Agora digam-nos com frequencia aqueles que nos leem: pode chamar-se a isto procedimento de homem? Não. Em nosso entender, isto é tão somente o procedimento dum verdadeiro e genuíno malandro, e um processo porco, de se arranjar fortuna, e muito provável que um dia se arrependa de todas as vigarices que tem cometido, e se arrependa do ódio que vota á organização operária, mas talvez então seja tarde.

Por isso, sr. ex-anarquista pense bem no que está fazendo. Pague a esses desgraçados operários o seu trabalho, que eles não têm culpa de que você seja um tarado, e lembre-se, que eles tamb

do o nosso mal. Hoje, que os Sales Vianas se encontram aos pontapés, e que os ladrões de todas as quadrilhas nos escamoteiam e nos exploram pelas formas as mais descaradas e vexatórias, impõe-se inadiavelmente, a união de todos nós, para assim resistirmos aos embates de tantos saltadores, e melhor conquistarmos um bocado de pão, para mitigar a fome de nossos filhos. Nós, somos hoje, os escravos modernos!

Que nenhum operário que desse nome se preze, deixe de assinar o nosso órgão na imprensa, A Batalha, único jornal que defende os nossos interesses e a razão que nos assiste. Alerte!

Aos jovens sindicalistas Para terminarmos, cumpre-nos dirigir também um apelo a essa mocidade cheia de vida, a esses jovens altivos, que tem nas suas mãos, os destinos do mundo. Despertai também vós jovens sindicalistas, arrapai caminho, segui a lição dos grandes mestres, fundai uma biblioteca, estudei, aperfeiçoi-vos, promovei conferências e reuniões, e cultivai-vos de forma a serdes cidadãos conscientes, livres e altivos.

Despertai pois, jovens, e mãos á obra, animados duma vontade forte e robusta, de sorte a construídes um edificio que se imponha, e que pela sua grandesa, nos leve a gritar: Salvé, jovens sindicalistas de Castelo Branco! — C.

Covilhã 28 DE SETEMBRO Um senhorio que bestialmente despede um inquilino De novo tornam os senhorios a exercer violências contra os inquilinos indefesos, com mandados de despejo ou com ameaças, alegando que precisam das casas para armazem ou para outra qualquer coisa privando o inquilino de poder habitar.

O poder judicial executa mandados de despejo «ad-hoc», fora das leis. Não se podem admitir semelhantes abusos. Não se pode admitir que sejam despejados violentamente de uma habitação seres humanos, quando nessa habitação há algum enfermo e talvez em perigo de vida, o que se prova com os competentes atestados médicos, como aquela habitação da rua de S. Martinho, de quem proprietário um indivíduo de nome José Pereira Nino (vulgo e Cagalhoté).

EM MESSINES O SERVIÇO CLINICO

O médico que se havia ausentado já regressou á villa A intriga politica

Em virtude de o médico local regressar da sua licença em 30 do corrente, ficou suspensa a deliberação dos sindicatos de efectuar um comício de protesto contra a maneira como a câmara municipal descarta a sua missão, com grave prejuizo dos munícipes.

Continuam-se há, no entanto, a trabalhar para que haja um pouco mais de zelo pelos interesses duma população que tem sido votada ao maior desprezo, como o demonstra a maneira de proceder do dr. Vieira.

Este médico, que parece ser o dono do concelho de Silves, ficou encarregado de vir a Messines três vezes por semana dar consulta, mas, no fim de contas, apparece aqui, durante um mês, uma vez apenas e não deu sequer consulta, porque passou o dia numa quinta que possui nesta freguesia!



MESSINES — Vista geral

foi mudado pela violência. O doente, segundo o que vimos e observamos, encontra-se em grave estado. O sr. «Cagalhoté» diz que é fingido! No entanto prova-se com o competente atestado médico a sua doença.

Acaso a lei também permite semelhantes infâmias? Acaso poder-se-há agarrar num doente por meio de violência e mudá-lo para fora da sua habitação? E' isto simplesmente que queremos que o poder judicial nos esclareça.

E' isto que queremos que a comissão administrativa da Liga do Inquilinato trate o mais depressa possível, levando o caso até onde for necessário, e que tais casos se não repitam sem que as classes trabalhadoras cheguem a ter conhecimento e se pronunciem.

O senhor «Cagalhoté» fica agora satisfeito, não sofrendo o remorso da sua generosa acção, na sua casa muito descaçada, de onde ninguém o expulsará. Mas faltava-nos ainda elogiar o chefe de policia que no local se encontrava para manter a ordem. Dizia elle: Acaso se o operariado tivesse recebido uma simples comunicação dos seus sindicatos, não viria para um movimento?...

Provocando a ordem estava o chefe da policia, com o grande aparato bélico nas imediações daquellas ruas, não permitindo a passagem senão a quem elle quizesse.

Será verdade? Consta que á esquadra da policia desta cidade, chegaram os retratos dos operários que fugiram do forte de S. Julião de Barra e mais retratos foram distribuídos para todos os concelhos do país.

Não sabemos se tal facto será verdadeiro, pelo que o colocamos em reserva. — C.

Sim? — A menina estava a bordar, e nem sequer tinha visto o militar, que parecia devorá-la com os olhos. Eu, por mim, estava envoragadíssima, e não me atrevia a preveni-la de que olhavam para ela de semelhante modo.

LISBOA NA RUA

Rendimentos dos operários

Na sala de observações, do banco do hospital de São José, deu ontem entrada Augusto Rodrigues, de 25 anos, de carregador, residente na rua de São Miguel, 54, que a bordo de um barco francês fundeado no Tejo ficou entalado por um ferro, ficando contuso nas costas.

Desastres mortais

No banco do hospital de São José faleceu, pouco tempo depois de entrar, o pintor da Sociedade Esportiva, Joaquim Fernandes, de 29 anos, residente no Beco de Paulo Jorge, 44, que nas proximidades da estação de Alcântara Terra ficou entalado entre dois vagões, ficando gravemente contuso no ventre.

Quedas

No banco do hospital de São José recebeu ontem curativo José Nunes Caldeira, de 55 anos, jardineiro e residente na Estrada da Luz, 20, que no referido largo deu uma queda, ficando ferido no braço direito.

Colhido por uma carroça

Na enfermaria n.º 2, do hospital de Arroios, deu ontem entrada Artur Augusto de Oliveira, de 28 anos, torneiro, residente na rua do Alívio, 11, 1.º, que na rua Vale de Santo António foi colhido pela carroça que guiava, ficando contuso nas pernas.

Mais uma vítima da policia

Na enfermaria C. 2, A. B., do hospital de Santa Marta, faleceu ontem aquele indivíduo que, há dias, depois de ter agredido o civico n.º 1.301, foi por este ferido com tiros, caso que noticiamos.

Casa Narciso

LIMAS

DI-LO TODA A GENTE

Donas da Covilhã

Fatos e vestidos

Os três frades encarnados

Para hoje

Trabalhadores.

Em Santiago do Cacém

Episódio que se disparou, atingindo mortalmente um pobre trabalhador

Universidades, Academias e Escolas

Escola Fonseca Benavides.

TEATROS & CINEMAS

Noticias

A inauguração da temporada de inverno, em S. Carlos, só será iniciada a 10 de Outubro. Para todas as suas réctas a companhia Lucília Simões não abrirá assinatura.

Recêlames

Hoje, no Nacional, é o último domingo em que se representa «O Cabeça de Turco». Quem ali for pode ter a certeza de que passará a noite em permanente gargalhada.

CARTAZ

CIRCO DA FEIRA

MUNIÇÕES

PARA «A BATALHA»

Pedras para isqueiros

SUCATAS

Pedras para isqueiros

SUCATAS

Pedras para isqueiros

SUCATAS

Pedras para isqueiros

SUCATAS

Pedras para isqueiros

SUCATAS

Pedras para isqueiros

SUCATAS

Pedras para isqueiros

SUCATAS



